

ABAIXO O FUNDAMENTALISMO HETEROSSEXISTA - crítica de uma fraude nos campos científico e moral

Alípio de Sousa –
professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN

Em geral, o fundamentalismo é visto como o ponto de vista decorrente de visões religiosas da vida e do mundo. É verdadeiro que encontramos pontos de vistas religiosos que merecem, a justo título, ser chamados de *fundamentalismos*, assim como também é verdadeiro que as religiões muito têm contribuído para visões fundamentalistas da realidade humana. Mas não apenas as visões religiosas podem chegar a ser fundamentalistas, assim como é certo que nem todos os pontos de vista religiosos terminam em fundamentalismo. Doutrinas dogmáticas em política, economia, ciência, moral, direito, etc. também têm contribuído para visões fundamentalistas da vida.

O que as diversas formas da visão fundamentalista têm em comum é o caráter autoritário e conservador de suas definições. Todas elas são reduções doutrinário-dogmáticas conservadoras da vida humana a convenções e conceitos produzidos social e historicamente, mas elevados a condição de verdades absolutas, universais, inquestionáveis. Em muitos casos, convenções e conceitos que apenas servem aos interesses de uma parte da sociedade e não a todos. Hoje, como ontem na história, os fundamentalismos contam com diversos meios para se difundir e procuram cada vez mais ampliar o número daqueles que se aferrem a crenças, idéias ou conceitos dogmáticos e conservadores como verdades únicas e irrefutáveis.

A sexualidade também tem sido objeto de visões fundamentalistas. Dentre as várias expressões da sexualidade humana, a homossexualidade tem sido historicamente e incomparavelmente a que mais ataques tem sofrido dos fundamentalistas em religião, em moral, em ciência, em direito. Variando a intensidade de acordo com as épocas e com as sociedades, o preconceito em torno da homossexualidade sempre esteve presente com maior ou menor importância na vida de diversas sociedades conhecidas, registrando-se poucas exceções históricas e etnográficas. Preconceito que tem constituindo fonte de opressão para milhares de homens e mulheres em diversas partes. Evidentemente, a universalidade do preconceito não o torna legítimo, nem o fato exprime a verdade sobre o

caráter reprovável de “comportamento não conforme a natureza ou contrário à criação divina”, como pretendem os religiosos. Verdade que estaria na quantidade das opiniões desfavoráveis às relações de amor e sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Em matéria de moral, ética, estética e mesmo na política, a verdade não está na quantidade. As opiniões são socialmente construídas e refletem mentalidades, imaginários, representações, não sendo mais verdadeiras apenas porque são partilhadas por um maior número de pessoas. (Na ditadura das opiniões majoritárias, oculta-se o trabalho da ideologia na cultura: a ideologia, tomando a forma da *opinião geral*, oculta a dominação que largamente os sistemas de sociedades praticam sobre os indivíduos por meio das idéias, crenças, representações. Através das *opiniões* – e as “pesquisas de opinião” servem também para isso –, a ideologia consegue não aparecer como ideologia, tornando-se invisível, e consegue também tornar invisível a dominação.)

De tudo que se disse de falso ou verdadeiro sobre a sexualidade até aqui, sobressaiu uma *doutrina naturalista* segundo a qual a heterossexualidade é a forma da sexualidade humana produzida pela natureza – e, acrescentam os religiosos, a única aceita por Deus, Javé, Allah, os termos variam conforme as crenças... O efeito imediato dessa doutrina naturalista conservadora foi banir a homossexualidade e a bissexualidade do campo das expressões legítimas da sexualidade humana, tornando-as “desvios”, “anomalias”, “vícios”, “doenças” e, pretendem os religiosos, uma forma do “pecado”. Não há dúvida que essa doutrina naturalista da sexualidade tem todos os traços de um fundamentalismo moral que oculta suas intenções conservadoras e seus vínculos com a dominação.

Fruto da supremacia desse fundamentalismo heterossexista, nasceram diversas “pesquisas” e “teses” sobre as “causas da homossexualidade”. Assim, da medicina à psicologia, passando pelas próprias religiões e pelo direito, procurou-se falar das razões que levariam homens e mulheres a “tornarem-se homossexuais”. Diversos são os artigos, livros, contendo “explicações” sobre as origens psicológicas, sociais ou biológicas da homossexualidade. Pergunta-se de genes, traumas, contextos, influências etc. que produziriam a “virada” para a homossexualidade. Até mesmo teóricos que imaginamos que sejam críticos, tornaram-se vítimas dessa idéia de uma *causa* ou *causas* da homossexualidade. A concepção predominante é sempre a de que a homossexualidade é um “desvio”, uma “suspensão” do desenvolvimento sexual considerado normal.

Até aqui, o que não se disse é que as “pesquisas” e as “explicações” sobre as “causas” da homossexualidade são FRAUDES nos campos científico e moral. Trata-se de preconceito disfarçado em ciência. É o preconceito social em torno da homossexualidade nas nossas sociedades que explica tantas tentativas – bem ou mal intencionadas – de se procurar as causas da homossexualidade e esta como se fosse algo separado do conjunto da sexualidade humana. Nesses termos, simplesmente não há causas da homossexualidade. Deve-se saber que a causa da homossexualidade é a mesma da heterossexualidade e da bissexualidade: a escolha inconsciente do objeto do desejo. Escolha produzida na trama das relações sociais, sempre bem circunstanciada no âmbito de um sistema de sociedade particular e suas instituições e convenções – o que chamamos de cultura. Nessa esfera, nenhuma escolha é mais natural ou normal do que outra, melhor, pior, superior, inferior. Desde Freud e sua teoria do inconsciente, seguido por Lacan, sabemos, se há alguma razão para se falar de causa, que se aceite que *todo desejo é causado* e, mais ainda, que *todo desejo é uma causa*: a *causa* do sujeito do desejo, isto é, aquilo pelo que cada um se empenha, embora sem saber. E essa é condição a que ninguém e nenhuma escolha escapam. No tocante ao desejo, não há *causas* mais legítimas que outras. Na política das escolhas do amor e do sexo, todas as *causas* são igualmente fundadas (causadas) no desejo – e, pois, como desejo, legitimamente existente como um direito, tratando-se do que não inflija sofrimento a ninguém, não constitua violência sobre o outro, agressão à dignidade humana. Não se pode acusar a homossexualidade de nenhuma dessas coisas. Bem ao contrário, pela extensão do preconceito, são os homossexuais que têm sido objeto de discriminações e violências que constituem inquestionavelmente atentados aos direitos humanos e à democracia.

A importância da teorização de Freud está em *desnaturalizar* a sexualidade humana, demonstrando que todas as escolhas sexuais, como produções de desejo, seguem igualmente determinações inconscientes, não havendo o que se possa chamar de sexualidade normal, natural. Convergindo para a mesma compreensão da sexualidade humana que se elaborou na psicanálise, a antropologia – pelo amplo conhecimento que produziu na pesquisa etnográfica sobre as diversas sociedades e culturas existentes – instruiu-nos com a demonstração de que a sexualidade humana é uma construção social e histórica que segue os padrões culturais de cada sistema de sociedade – com os evidentes

efeitos de sujeição e dominação que isso implica. No tocante ao gênero, por exemplo, não se é homem ou mulher porque se nasce com um pênis ou uma vagina, mas porque cada cultura – e diferentemente – torna cada um homens e mulheres e, em cada cultura e época histórica, variando os conceitos que instituem o que cada sociedade chamará de *homem* e *mulher*, entenderá por *masculino* e *feminino*. Uma das mais importantes contribuições da antropologia ao estudo da humanidade foi conseguir demonstrar que – assim como as formas de poder, economia, etc. – a sexualidade também se inscreve no rol de todas as criações humanas, constituindo mais um objeto social da ordem da linguagem, da cultura, do simbólico, não sendo a anatomia dos sexos nenhuma causa do destino sexual dos seres humanos. A idéia de um destino biológico como definidor do gênero sexual não se sustenta a menor prova do confronto com as descobertas da pesquisa etnológica. (Lamentavelmente, uma sociobiologia atual pretende trazer de volta um conjunto de teses reacionárias sobre destinos biológicos fixos que, embora toda tentativa de parecer uma revolução no conhecimento, merece ser chamada pelo seu verdadeiro nome: atraso em teoria. Depois de Marx, Durkheim, Freud, Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Françoise Héritier, Elisabeth Badinter, entre outros, falar de destino biológico do desejo sexual é cair no ridículo e atestar incompetência em conhecimento teórico.)

Relacionar a homossexualidade a causas biológicas (disfunção hormonal), psicológico (traumas infantis), social (isolamento, ausência feminina) ou outras causas é dar status científico ao preconceito moralista – fundamentalista – que quer fazer crer a todos que a única expressão normal da sexualidade humana seria a heterossexualidade porque seria sua forma natural. Hoje, não se pode mais aceitar a continuidade da aberração dessas explicações como fundamento para “teses científicas” ou como fundamento para a instituição do Direito, sabendo-se que até aqui, em muitas sociedades, os homossexuais continuam excluídos da cidadania plena. Os exemplos de poucas sociedades – entre as quais estão a França, Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega –, onde os homossexuais conquistaram a instituição de direitos que são reconhecimento de suas uniões, ou onde – não existindo o direito instituído – encontram-se os exemplos da vida de milhares de homossexuais na forma de pares que se amam, de gente que contribui com as artes, ciência, filosofia, política, etc. ou os simples anônimos, com suas vidinhas dignas e felizes (talvez

não mais felizes apenas porque o preconceito não deixa), não têm sido bastante para demolir o preconceito.

Recentemente, vimos a Igreja Católica publicar seu *Lexicon* – que se pretende um “dicionário dos termos ambíguos” (sic.) –, poderíamos chamá-lo de dicionário do preconceito e do ódio, em que se pode ler a homossexualidade definida como “conflito psíquico não resolvido que a sociedade não pode institucionalizar”. Em todos os tempos, a Igreja Católica, como outras, tem contribuído com o fundamentalismo heterossexista, embora não se saiba bem compreender, pois, como é sabido, o número de homossexuais que a constitui é bastante elevado e, como se pretende uma instituição devotado a difundir o amor, paradoxalmente tem se dedicado a difundir a homofobia. Mas é também importante lembrar que, há mais de dez anos, a Organização Mundial da Saúde retirou a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças – com o aval de médicos e psicólogos. É verdadeiro que, no campo da psicologia, da psiquiatria e mesmo da psicanálise, ainda muito está por ser feito, pois o preconceito em torno da homossexualidade – disfarçado em diversas teorizações – revela-se também como uma extensão do fundamentalismo heterossexista nesses campos. Basta se saber que, até 1975, as sociedades de psicanálise não aceitavam homossexuais como psicanalistas. Atualmente, nas escolas de psicologia, muitos homossexuais ainda são cercados de desconfiança.

Tudo isso precisa ser denunciado e combatido. Com o lema “*Contra os fundamentalismos, o fundamental é a gente!*”, uma campanha educativa internacional tem procurado chamar a atenção de todos para as diversas faces do fundamentalismo no mundo hoje. A natureza crítica da campanha está em mostrar que existem muitas formas do fundamentalismo – o fundamentalismo econômico, político, moral, religioso, sexual, etc. – e todas elas formas pelas quais a dominação sobre povos, nações e pessoas se realiza sem que apareça com esse nome, mas justificada como “padrões morais”, “costumes”, “vontades divinas”, “verdades”, entre outras formas do discurso das instituições humanas que validam, não raramente, formas sociais que infelicitam e fazem sofrer emocional e psiquicamente tanta gente nas nossas sociedades. Assim, “*Contra os fundamentalismos, sua boca é fundamental!*” Abra a boca, faça a Crítica!

(Publicado em Bocas no mundo: revista da articulação de mulheres brasileiras, Ano I, n° 2, julho de 2003, pp. 8-9)